Milho — equilíbrio por um fio

Ao longo do mês de abril, o mercado brasileiro de milho passou por uma situação anômala. Ao mesmo tempo em que se consolidava a tendência de alta dos preços por conta da menor colheita da primeira safra 1995/96, reinava uma certa tranqüilidade do lado da demanda.

A aparente contradição existente no mercado brasileiro do milho encontra explicação em três fatores. O primeiro foi o andamento da colheita, que, no caso do Paraná, por exemplo, desenrolou-se sem problemas e até no tradicional ritmo intenso dessa época do ano. Em outras palavras, à exceção do mercado gaúcho e, em menor escala, do mercado catarinense, o abastecimento nas outras áreas do Centro-Sul desenvolveu-se bem, com o fluxo do grão dentro da normalidade sazonal.

O segundo fator explicativo foi a desaceleração da demanda por parte das aviculturas comerciais, tanto de corte quanto de postura, responsáveis pelo consumo de quase 70% da produção de rações no país. No trimestre janeiro-março último, a produtividade do segmento de pintos de corte foi 11% menor do que o seu potencial, enquanto, no mesmo período do ano passado, essa diferença ficou pouco abaixo de 5%. Isso se refletiu numa retração semelhante por parte da produção de frangos, *vis-à-vis* seu potencial.

Da mesma forma, desde dezembro último, o alojamento brasileiro de matrizes de postura vem registrando queda, por conta do desestímulo representado pelos preços recebidos pelos produtores em 1995. Ao longo desse ano, o preço médio dos ovos, recebido pelos produtores paulistas, registrou queda acumulada de 28%, refletindo o aumento de 19% na oferta do produto, ante 13,5 bilhões de unidades registradas em 1994. Sintomaticamente, o preço médio de R$1,00/dúzia no varejo da cidade de São Paulo em 1995 foi 42% menor, em termos reais, do que o alcançado em 1994. O pessimismo dos criadores foi reforçado pelo fato de, no primeiro bimestre do presente exercício, o preço médio recebido ter sido 16% menor, em termos reais, do que no mesmo período do ano passado.

O terceiro fator a sustentar a mencionada tranqüilidade no mercado do milho foi o sentimento, desenhado desde o final do ano passado, de que seria inevitável uma recuperação dos preços do cereal após os patamares muito baixos causados pela oferta recorde do ano-safra 1994/95, e que ocasionaram a retração da área semeada na atual temporada. Ou seja, as perdas registradas nas lavouras do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ao final do ano passado apenas acentuaram a inevitável tendência altista das cotações do grão para o presente exercício.

Mas esse quadro relativamente ameno não deverá ser duradouro. Pela lógica, à medida que termine a colheita da primeira safra, acentua-se o nervosismo dos preços, assim como os reclamos por parte do segmento avícola quanto ao custo de seu principal insumo, com o conseqüente repasse dos aumentos aos preços varejistas da carne de frango. Afinal de contas, segundo dados divulgados pela Conab ao início de maio, a colheita prevista de 25,7 milhões de toneladas no Centro-Sul deverá ser 16% menor do que a de um ano antes.

Milho — segunda safra

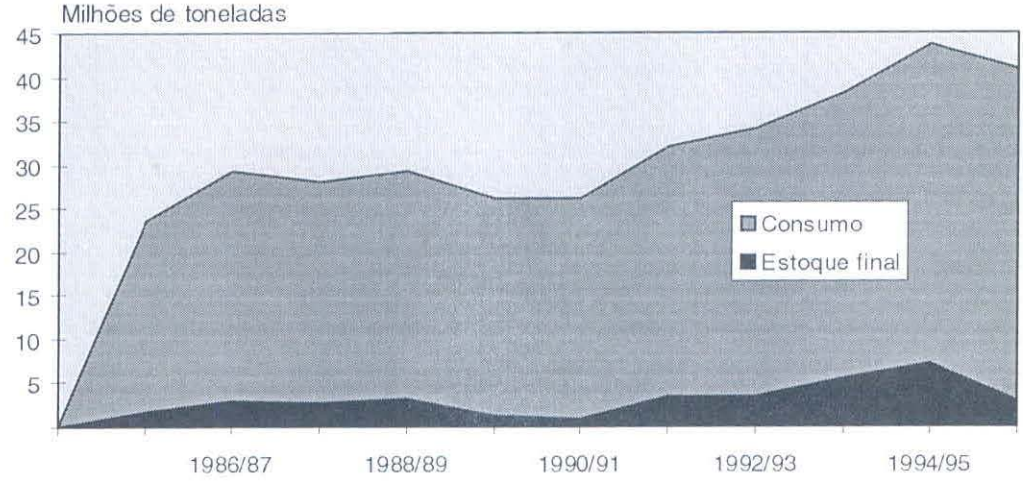
Área, produção e produtividade por regiões e total Brasil

Região	Área		Produção		Rendimento físico	
	1994/95	1995/96	1994/95	1995/96	1994/95	1995/96
Sul	603,30	573,30	1.448,30	1.376,30	2.401,00	2.401,00
Sudeste	350,00	371,00	812,00	964,60	2.320,00	2.600,00
Centro-Oeste	456,50	529,80	915,70	1.213,70	2.008,00	2.291,00
Centro-Sul	1.409,80	1.474,10	3.176,00	3.554,60	2.253,00	2.411,00
Brasil	1.409,80	1.474,10	3.176,00	3.554,60	2.253,00	2.411,00

Fonte: Conab (maio de 1996).

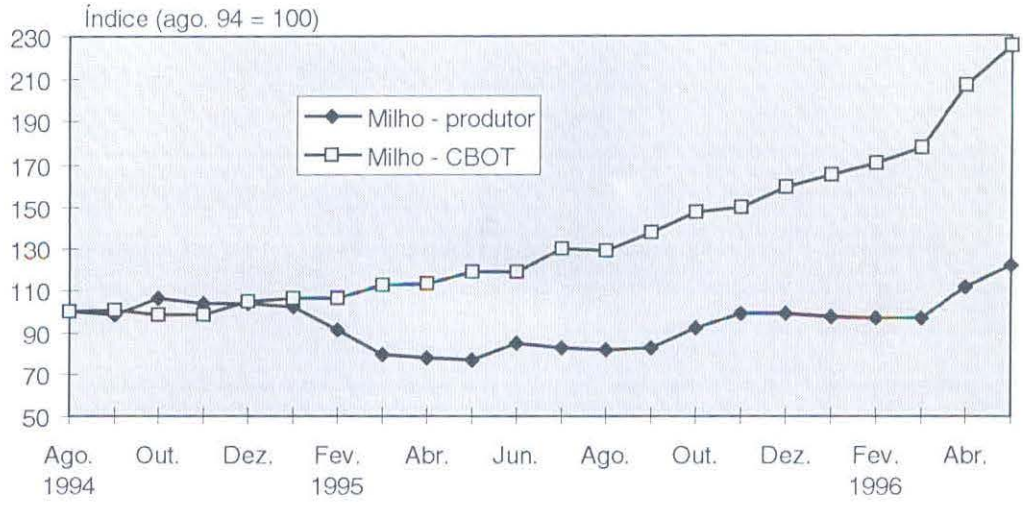
Milho — Brasil

Anos-safra 1985/86 a 1995/96 — estoque final *versus* consumo



Milho

Evolução comparativa das cotações nacionais e internacionais



Isso significa que o controle das reações do mercado do grão a curto e médio prazos dependerá tanto da sintonia fina aplicada à distribuição governamental dos estoques, como do desempenho da safrinha e do ritmo da produção avícola.

Leilões em ritmo discreto

Até o momento, a atuação das autoridades no que tange aos leilões do milho estocado tem sido discreta, até porque a falta do grão tem sido muito localizada no extremo sul do país: prevê-se que o déficit gaúcho ultrapasse os 2 milhões de toneladas, enquanto Santa Catarina terá que adquirir quase 1 milhão para atender sua demanda interna.

O primeiro leilão de milho na atual temporada foi realizado pela Conab no dia 2 de maio, dentro do calendário que prevê a realização de 14 leilões ao longo do mês, cinco dos quais a serem direcionados

especificamente para o Norte/Nordeste. Aos preços médios de R$7,77/60kg na abertura e de R$8,16/60kg no fechamento, foram vendidas 58,8 mil toneladas do grão depositado em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Particularmente para o Centro-Sul, a programação de desova dos estoques prevê dois leilões semanais, detonados toda vez que o preço do grão no atacado da praça paranaense de Ponta Grossa atingir R$8,50/60kg. Essa modalidade de abastecimento será complementada pelas chamadas "vendas de balcão" (sinônimo de vendas diretas aos criadores de aves e suínos), específicas para as praças gaúchas e catarinenses, para as quais foi reservada parte do produto em EGF a ser transformado em AGF.

Safrinha deve crescer

Quanto à safrinha, este ano ela deverá sofrer a concorrência do trigo, cuja atratividade tem crescido na mesma proporção em que se divulgam os números relativos ao seu déficit interno. Além do mais, o risco do plantio do milho fora da época recomendada pela extensão rural sempre depôs contra essa segunda semeadura, muito embora a amenidade dos últimos invernos tenha facultado colheitas encorajadoras. No triênio 1993-95, por exemplo, a área colhida com a safrinha no Centro-Sul avançou 32% em termos acumulados, enquanto o rendimento físico médio de 2.100kg/ha equivaleu a 70% do rendimento da primeira safra.

De qualquer forma, a referida avaliação de safra realizada pela Conab informou que a colheita da safrinha no Centro-Sul deverá ser de 3,6 milhões de toneladas, 12% acima do resultado de um ano antes. Se esse número se concretizar, teremos um novo recorde na colheita complementar, resultado tanto do crescimento de 5% estimado para a área plantada quanto do avanço de 7% esperado para o rendimento físico. É de ressaltar o expressivo aumento de 16% na superfície destinada ao grão na segunda safra do Centro-Oeste, tendo em vista o pouco interesse que a região manifestara no primeiro plantio.

Finalmente, no que diz respeito ao desempenho avícola e sua conseqüente pressão sobre a demanda de milho, a previsão da Associação Paulista de Avicultura (APA) é de que a produção de carne cresça 10% sobre os 4,1 milhões de toneladas registrados em 1995, acompanhada por 8% de avanço no segmento de postura. Esses números significam uma desaceleração do aperto sobre o mercado do grão relativamente ao ocorrido no ano passado — quando ambas as atividades cresceram 19% —, mas não deixam de ser um fator importante a ser considerado no quadro de abastecimento da atual temporada.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

ARROZ

Preços internos permitem importações

Redução da alíquota de importação e ligeiro crescimento dos preços internos aproximam as cotações nacionais e internacionais, viabilizando as importações, estimadas atualmente em 1 milhão de toneladas.

Ao contrário do que ocorre com grande parte das cadeias agroindustriais existentes no Brasil, a agroindústria do arroz é estruturalmente pulverizada, tanto em termos espaciais quanto em relação ao grande número de empresas trabalhando na atividade. Não há uma clara definição das fatias de mercado pertencentes a cada segmento, como acontece nos grandes grupos empresariais que atuam na área de alimentos. Estes, em geral, apresentam estrutura fortemente concentrada, com empresas líderes atuando em nível nacional e empresas menores em mercados regionais. No caso do arroz, o grau de elaboração do produto é muito baixo, resultando numa limitada adição de valor. Além disso, a dispersão espacial dos engenhos resulta numa estrutura relativamente mais competitiva em termos comerciais, com grande número de marcas que surgem e desaparecem com igual rapidez. O grande número de marcas disponíveis nos grandes centros (alguns estudos recentes apontam em torno de 3 mil marcas registradas no país) torna a competição entre as agroindústrias mais acirrada e favorece o setor varejista, que pode impor condições e prazos para a compra do produto beneficiado.

O Rio Grande do Sul é responsável por cerca de 45% da produção nacional. Nos últimos anos, a Fearroz vem acusando um processo de concentração no setor, com as 11 maiores indústrias respondendo por mais de 30% do total beneficiado no Rio